



A REALIDADE DAS MULHERES NA PANDEMIA E FORMAS DE (RE)EXISTIR: O PAPEL DA EXTENSÃO ATRAVÉS DE EXPOSIÇÕES EM UM MUSEU VIRTUAL UNIVERSITÁRIO

THE REALITY OF WOMEN IN THE PANDEMIC AND WAYS OF (RE)EXISTING: THE ROLE OF EXTENSION THROUGH EXHIBITIONS IN A VIRTUAL UNIVERSITY MUSEUM

Noris Mara Pacheco Martins Leal - Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural - Professora Adjunta, Bacharelado em Museologia – Vice Coordenadora do MUDI – Instituto de Ciências Humanas - Universidade Federal de Pelotas. E-mail: norismara@gmail.com

Maria Waleska Peil - Graduanda em Museologia – Bacharelado em Museologia - Instituto de Ciências Humanas - Universidade Federal de Pelotas. E-mail: mwalpeil@gmail.com

Guilherme Susin Sirtoli - Mestrando em Artes Visuais (PPGAVI/UFPEL) e Graduando em Museologia - Instituto de Ciências Humanas - Universidade Federal de Pelotas. E-mail: guisusinsirtoli@gmail.com

Carolina Fogaça Tenotti - Mestranda em Artes Visuais - PPGAVI/UFPEL - Graduanda em Museologia – Instituto de Ciências Humanas - Universidade Federal de Pelotas. E-mail: c.fogacatenotti@gmail.com

Daniel Mauricio Vianna de Souza - Doutor em Sociologia – Professor Adjunto – Bacharelado em Museologia – Coordenador do MUDI - Instituto de Ciências Humanas - Universidade Federal de Pelotas. E-mail: danielmvsouza@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho discute questões acerca das práticas extensionistas durante a realidade da pandemia de Covid-19 no Brasil. São analisadas ações realizadas pelo MUDI - Museu Diários do Isolamento, museu de virtuais conexões criado durante os primeiros meses pandêmicos, em meados de 2020. A instituição, com viés interdisciplinar, faz parte de um projeto de extensão vinculado ao curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e ao Núcleo de Estudos sobre Museus, Ciência e Sociedade (NEMUCS). Através do seu caráter extensionista, o MUDI se coloca no papel de museu virtual institucional que possibilita ampliar a formação do profissional museólogo, trazendo os discentes para a vivência do cotidiano de uma instituição colaborativa. Também é trazida à discussão uma das exposições mais recentes, '(RE) existência: os vários lugares da mulher na pandemia' compartilhando o cotidiano e as multifacetadas das mulheres durante a pandemia - a concepção contou com uma equipe multidisciplinar, envolvendo docentes e discentes de diversas áreas, assim como a participação de cientistas e artistas que deram os seus depoimentos acerca de suas realidades no contexto pandêmico.

Palavras-chave: MUDI; extensão; mulheres; pandemia; exposição.

ABSTRACT

The present work discusses questions about extensionist practices during the reality of the Covid-19 pandemic in Brazil. Actions carried out by MuDI - Museu Diários do Isolamento, a museum of virtual connections created during the first months of the pandemic, in mid-2020, are analyzed. The institution, with an interdisciplinary approach, is part of an extension project linked to the Federal University of Pelotas (UFPEL) and the Center for Studies on Museums, Science and Society (NEMUCS). Through its extensionist character, MuDI plays the role of an institutional virtual museum that makes it possible to expand the training of the museologist professional, bringing students to the daily experience of a collaborative institution. Also brought up for discussion is one of the most recent exhibitions, '(RE)Existência: the various places of women in the pandemic' sharing the daily life and the multifaceted aspects of women during the pandemic - the conception had a multidisciplinary team, involving teachers and students from different areas, as well as the participation of scientists and artists who gave their testimonies about their realities in the pandemic context.

Keywords: MuDI; extension; women; pandemic; exhibition,

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 afetou, e continua afetando durante a escrita deste artigo, todos os âmbitos da vida em sociedade, modificando nossas práticas e modos, interferindo em nossa rotina individual, e principalmente nos fazendo ressignificar alguns modos do viver em sociedade. Tais mudanças ocorreram não somente em áreas como a educação, mas reverberam em todos os âmbitos sociais, incluindo o meio cultural e científico. Durante meses, para muitos de nós, praticamente o único modo de nos relacionarmos com o outro foi mediante ao uso das redes sociais e recursos presentes na cibercultura (LÉVY, 1999).

Nesse sentido, criado dentro do contexto pandêmico, ainda no primeiro semestre de 2020, surge o MuDI - Museu Diários do Isolamento, criado de forma coletiva e dinâmica, que privilegia as relações dialógicas. Visando a preservação e criação de uma memória crítica no período em que estamos vivendo, o MuDI, considerado uma instituição museológica de virtuais conexões, é um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas, vinculado ao curso de Bacharelado em Museologia e ao Núcleo de Estudos Sobre Museus Ciência e Sociedade (NEMUCS).

O MuDI tem em seus objetivos a conscientização da população acerca das *Fake News* e de estudos científicos que aproximem o público e a ciência, desmistificando seu caráter hermético e de difícil acesso, criando esse espaço de interação no site e nas redes sociais. Além disso, é necessário ressaltar a característica interdisciplinar desta instituição, como todo o museu pautado na extensão. No entanto, como uma instituição universitária, o ensino e a pesquisa são fundamentais para uma relação qualificada com a comunidade, para tanto tem uma equipe em constante conexão, advinda de diferentes áreas, envolvendo discentes e docentes do curso de Museologia, mas também de áreas como as artes visuais, a histórica, letras, ciência da computação, entre outras. Além da equipe interna, o envolvimento do público na produção e reverberação de pensamento e ação crítica frente à crise sanitária que tem assolado o país desde meados de março de 2020 é de suma importância para as ações propostas no museu virtual.

O advento dos museus virtuais, que atualmente permeiam o ciberespaço em massiva escala, podem ser considerados uma realidade recente quando pensamos na história cronológica, porém, tal fato não diminui a sua complexidade inerente. Devemos considerar que a variedade

de museus e seus formatos no período contemporâneo “atesta a dificuldade e até a impossibilidade, de se traçar uma definição de museu que dê conta de toda a sua complexidade e natureza fenomênica” (JAHN, 2016, p. 32). Muitas vezes, o título de ‘museu virtual’ acaba sendo dado para espaços que deixam de lado as verdadeiras potencialidades dos museus frente às novas tecnologias de informação e comunicação presentes na cibercultura:

Muitas vezes o que é intitulado de museu virtual é apenas um site informativo sobre as atividades do museu, esquecendo as potencialidades e novas perspectivas das TIC face aos museus, em especial na forma como expõem os objetos e comunicam com o público (MUCHACHO, 2005, p. 580).

Concebemos que o museu virtual, além de ser um espaço próprio para a construção do conhecimento social, é também um espaço de comunicação e papel crítico. Vivemos em um cotidiano cada vez mais imagético e informacional, onde se faz cada vez mais necessário uma comunicação clara com o público em geral. O excesso de informações é constante, muitas vezes sem nenhuma base científica, por vezes dúbias ou contraditórias e até mesmo falsas. O universo virtual tem balizado comportamentos e ações que não reverberam somente na vida individual, mas permeiam nossas relações sociais coletivas. O desenvolvimento do ciberespaço e da cibercultura, termos cunhados por Lévy (1999) ainda no final do século XX e início do século XXI, nos mostra que este não é um ‘espaço dado’, ao passo que o seu crescimento não presume um desenvolvimento de inteligência coletiva de forma instantânea:

Em primeiro lugar, o crescimento do ciberespaço não determina automaticamente o desenvolvimento da inteligência coletiva, apenas fornece a esta inteligência um ambiente propício. De fato, também vemos surgir na órbita das redes digitais interativas diversos tipos de formas novas... — de isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela), — de dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais), — de dominação (reforço dos centros de decisão e de controle, domínio quase monopolista de algumas potências econômicas sobre funções importantes da rede etc.), — de exploração (em alguns casos de teletrabalho vigiado ou de deslocalização de atividades no terceiro mundo) (LÉVY, 1999, p. 28).

O ambiente cibercultural nos possibilitou ter novas experiências, tanto na forma como nos comunicamos, mas também possibilitando visitas virtuais a diferentes instituições museológicas, entre outros. Porém, como alerta Lévy (1999), devemos considerar a capacidade de alienação que a cibercultura pode vir a promover, dessa forma, surge a urgente necessidade de romper a estrutura entre sujeição e dominação. Rancière (2017) especifica tal estrutura através da analogia do mestre e do ignorante, onde os saberes do ‘ignorante’ não são validados pelo mestre, visto que “o mestre, por sua vez, não é apenas aquele que tem o saber ignorado pelo ignorante. É também aquele que sabe como torná-lo objeto de saber” (RANCIÈRE, 2017, p. 13).

Assim, quando nos sujeitamos em tais estruturas não-dialógicas, não somos capazes de nos emancipar de forma ético-estético-social, considerando que a emancipação do pensar inicia-se quando se questiona acerca da oposição entre olhar e agir, “quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição” (RANCIÈRE, 2017, p. 17).

Inseridos dentro do contexto cibercultural, um dos papéis do MUDI é o de corroborar para a emancipação social plena, visando um espaço de construção dialógica do conhecimento através do pensamento crítico, dentro de um contexto virtual que muitas vezes pode levar à sujeição e a dominação caso não se tenha uma postura reflexiva e crítica ao permear o mesmo.

O MUSEU VIRTUAL E O PAPEL DA EXTENSÃO NA REALIDADE PANDÊMICA

O MUDI é uma iniciativa museológica surgida em razão da pandemia de Covid-19, elaborando e desenvolvendo suas atividades e experiências privilegiando o uso de plataformas digitais, tais como redes sociais e, sobretudo, website. A atuação do museu frente ao campo de estudos que compete a museologia, compreende as mudanças estabelecidas nas instituições museológicas nas últimas décadas, onde atualmente “se amplia a ideia de que museu vem assumindo novas funções e diferentes formatos, estabelecendo-se como uma instituição que coloca em primeiro plano a experiência” (JAHN, 2016, p. 29). Sendo um museu universitário, ligado à Universidade Federal de Pelotas, atua com grande caráter extensionista, colocando os alunos que atuam junto à instituição frente a um outro tipo de realidade dentro do campo de estudos da museologia.

Neste sentido, a experiência dos alunos frente ao MUDI os coloca em discussão desde a sua fundamentação teórico-conceitual e como tal se reflete na estrutura de organização de suas ações de comunicação da ciência, salvaguarda de memórias do presente acerca da situação pandêmica e produção de conhecimento crítico, até a comunicação e processamento dos dados gerados a partir do contato com o público.

O MUDI, dentro das suas particularidades, compensa uma necessidade que não é suprida somente dentro da grade curricular do curso de Bacharelado em Museologia. O museu - diferentemente das demais instituições ligadas à universidade, que possuem sede física - tem sua sede no ciberespaço, não possuindo acervo físico e atuando completamente em ambiente virtual. A experiência com acervos digitais vem sendo discutida em meio aos estudiosos do campo, mas durante a formação do bacharel pouco se tem contato com esse universo. Em meio a essa necessidade, é de suma importância incentivar o caráter extensionista desse tipo de instituição que é complementar aos estudos teóricos.

A extensão é considerada um dos pilares indispensáveis dentro da universidade, que por sua vez não está dissociada do ensino e da pesquisa. A articulação entre os três eixos é ressaltada nos Projetos Pedagógicos Institucionais das universidades. No caso da Universidade Federal de Pelotas, o referido documento compreende a extensão enquanto fundamental para o funcionamento da instituição e de suas unidades, assegurando o ensino de qualidade com base na realidade para além dos muros institucionais. A articulação ensino/pesquisa/extensão visa “formar um profissional capacitado para atuar em sociedade” (UFPEL, 2003).

Dessa forma, o discente encontra-se apto para reconhecer o papel do estudo universitário na realidade social na qual a universidade, a cidade e o país estão inseridos. A teoria e a prática, dessa forma, acontecem de forma paralela, sem uma ordem específica de hierarquia, atuando juntas em prol da vida em sociedade, como especifica o PPI da UFPEL:

Para que haja aprendizagem, o profissional em formação precisa conhecer a realidade na qual irá intervir, estudar os problemas e as soluções prováveis, aplicá-los nessa mesma realidade, refletir sobre os resultados e assim produzir conhecimento. Nota-se que nesse modelo não existe a ordem de teoria primeiro para depois a prática. Existe a teoria e a prática lado a lado, no desenvolvimento de um profissional novo (UFPEL, 2003, p.13).

No contexto de isolamento social, por conta da pandemia, os discentes do curso de Museologia não puderam realizar seus estágios obrigatórios em museus físicos, pois os mesmos estavam fechados por tempo indeterminado. Assim, o MUDI desempenhou o papel necessário para o estágio discente acontecer. Dessa forma, a atuação em modo virtual foi construída coletivamente durante o período da pandemia de Covid-19, o que por sua vez proporcionou aos discentes em final de graduação, efetuarem o estágio obrigatório e vivenciarem a experiência da rotina interna

de museus, inseridos em um museu virtual.

Além disso, a troca de saberes com o público em geral é indispensável para a formação e funcionamento do museu virtual. Somente através das colaborações, é possível montar as exposições virtuais da instituição com foco na realidade pandêmica. Vale destacar que tais exposições têm suas concepções originadas através do público. Também é importante ressaltar os inúmeros *feedbacks* nas redes sociais, corroborando para a curadoria dos conteúdos, entre outros. Essa comunicação, concebida enquanto uma verdadeira via de mão dupla, coloca o MUDI no papel extensionista dialógico, onde as práticas em extensão são vistas enquanto uma comunicação de troca de saberes.

Nessa troca de saberes, própria do viés extensionista priorizado pela instituição, insere-se também a parceria com diferentes projetos, um destes intitulado 'Doces Linhas', que iniciou em 2017, formado por mulheres bordadeiras da cidade de Pelotas - RS. A atuação dessas mulheres durante a pandemia de Covid-19 foi tão significativa que acabou resultando na exposição 'Bordando Memórias: doces linhas na pandemia', inaugurada em 28 de outubro de 2021 no site do museu.

Nesta exposição, o MUDI convidou o público a conhecer o grupo de bordadeiras, que reúne mulheres que além de bordarem linhas em tecidos, bordam também histórias de vida, criando memórias e amizade por entre os emaranhados fios das linhas. O grupo de bordadeiras teve início através de uma disciplina sobre o bordado oferecida pela Universidade Aberta à Terceira (UNATI), projeto de extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC/UFPEL). A disciplina intitulada "Bordaduras – a vida bordada" transformou-se em um projeto de extensão realizado no Museu do Doce, e passou a chamar-se "Doces Linhas: Bordados no Museu do Doce".

Segundo Gadotti (2017), existem pelo menos duas vertentes de extensão colocadas em prática no Brasil. A primeira delas presume uma extensão unilateral, onde a universidade vai para a comunidade e sociedade, mas não presume-se um diálogo, uma conversa. Essa primeira vertente é compreendida enquanto uma via unilateral, onde a universidade não escuta o que a comunidade tem para dizer: "[...] é uma espécie de rua de mão única: só vai da universidade para a sociedade. A mão inversa não é considerada. É interpretada como não existente. Logo, não se leva em conta o que vem da sociedade para a universidade" (GADOTTI, 2017, p. 2).

A segunda vertente, segundo o autor, compreende a extensão enquanto uma verdadeira comunicação de/entre saberes. Não sendo considerada uma visão assistencialista como a primeira, essa vertente se aproxima das práticas freireanas, fundamentando-se em relações dialógicas e na teoria do conhecimento que considera que todos os seres humanos são seres inacabados, não estando finitos, permanecendo inconclusos e em constante formação, não somente profissional, mas humana (GADOTTI, 2017).

AS EXPOSIÇÕES

O MUDI, ao se configurar como um museu de ciências virtual nato digital, possui a missão de não somente popularizar a ciência para além dos muros universitários, como também a de salvar as memórias deste período de isolamento ocasionado pela Covid-19, principalmente se considerarmos os dados de que, de acordo com a UNESCO (2020), 90% das instituições museais no mundo foram afetadas por fechamentos temporários, como uma das medidas sanitárias no combate ao coronavírus. Sendo assim, as exposições apresentadas pela instituição oportunizam a extroversão dessas memórias compartilhadas durante a pandemia, mesmo que em quarentena, no campo digital.

Desde a abertura do museu, foram exibidas exposições que dialogavam com o público sobre

o respectivo tema, explorando, por vezes, elementos afetivos como a saudade e a ausência, presentes na exposição “Cartas que Levam Abraços”, e que relatava diferentes sensações em um momento de distanciamento global e local, além das adversidades enfrentadas pelas mulheres durante o período, como na exposição “RE(Existência) – Os vários lugares da mulher na pandemia”, cujos relatos de diferentes cientistas e artistas abordaram a situação das mulheres neste período, bem como os diferentes papéis desempenhados pelas mesmas nas esferas pessoal e profissional. Por último, foi também apresentada a exposição “Bordando Memórias: doces linhas na pandemia”, acerca do grupo de bordadeiras do Museu do Doce da UFPEL e as afetividades e ações produzidas pelo grupo durante a pandemia.

A possibilidade de extroversão do conhecimento e das experiências humanas mediante as exposições, como forma de fomentar a discussão em torno de um assunto urgente e atual, permite que o MUDI também se reconheça como um mediador na tríade proposta pela Universidade, onde ensino, pesquisa e extensão consentem a elaboração de pontes para com a sociedade. Nesse sentido, a experiência de criação de uma exposição cujo tema envolveu a situação de pandemia de Covid-19 no Brasil e o diálogo produzido por mulheres que vivenciaram esse período de isolamento resultou em uma relação dialógica crítica, ou seja, proporcionou a experiência do museu enquanto espaço de comunicação mediante a vivência de outras realidades em face da atual conjuntura social e cultural do país.

AS MULHERES NA PANDEMIA: FORMAS DE (RE)EXISTIR

Em 26 de fevereiro de 2022, completam-se dois anos do primeiro caso de Covid-19 no Brasil, reconhecido como tal pelo Ministério da Saúde, com o retorno ao país de um homem de 61 anos de idade depois de uma viagem à Itália. Foi um longo período, marcado pelo número aterrorizante de mais de 622.000 de mortos e mais de 23.000.000 de infectados. Se o sistema imunológico tem favorecido as mulheres que possuem um número de mortes inferior ao dos homens, no Rio Grande do Sul, por exemplo, os óbitos masculinos chegaram a 55,1% e os femininos 44,9%, índices que são muito parecidos com outros estados da federação. Essa vantagem, entretanto, não existe quando falamos sobre a jornada de trabalho tanto formal quanto informal, ou não remunerado, segundo dados da ONU Mulher no Brasil. Mesmo antes da pandemia, as mulheres desenvolviam em casa três vezes mais tarefas do que os homens, e com o isolamento social ou distanciamento elas precisaram fazer uma reorganização de seu tempo, dando conta do trabalho, para aquelas que conseguiram mantê-lo, assistência à infância, educação escolar em casa, assistência aos idosos, fora o trabalho doméstico.

Em casa, os tempos do cuidado e os tempos do trabalho remunerado se sobrepõem no cotidiano das mulheres: mesmo enquanto realizam outras atividades cotidianas, seguem atentas. Historicamente, a ação dos cuidados foi deixada para a mulher, em tempos pandêmicos cabe a elas, ainda, o gerenciamento dos cuidados específicos para a preservação da vida das pessoas sob os seus cuidados. Segundo dados da pesquisa Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia, 50% das mulheres passaram a cuidar de alguém na pandemia, índice que aumenta em relação às mulheres negras que chega a 52%.

Esse é um trabalho invisibilizado que acontece no interior das casas, espaço que para muitas passou a ser também seu local de trabalho, como o home office. As relações de trabalho e de manutenção da casa se uniram para muitas mulheres, a maioria branca, segundo a pesquisa Sem Parar. Ainda de acordo com a pesquisa, 41% das mulheres que seguiram empregadas relataram um aumento de trabalho, visto que no primeiro momento da pandemia, com o isolamento social, houve a diminuição da contratação de pessoas para a execução de atividades da casa. Assim,

sem uma igualdade na divisão das tarefas, as mulheres se sobrecarregam.

Esta sobrecarga fica muito clara quando falamos sobre as mulheres cientistas. Em um levantamento sobre a produção científica, o Movimento *Parent in Science* concluiu que apenas 4,1% das mulheres com filhos conseguiram manter a sua produtividade durante a pandemia, contra 14,9% dos homens. Mesmo a disparidade já existindo antes da pandemia, ela se acentua no período de isolamento social. Numa pesquisa realizada pela UFPEL percebe-se que:

É possível verificar que o número de docentes mulheres e homens é bem próximo na UFPEL. Ao todo, são 678 professoras e elas são mais qualificadas, quase a totalidade possuem doutorado (672), já dos 672 professores homens, apenas 592 possuem doutorado. Contudo, ao analisar o topo da carreira a realidade inverte, são os homens que acabam tendo mais destaque. Dos docentes com Bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) e de Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora (DT), cem são homens e apenas 58 são mulheres e dos docentes contemplados com cotas de bolsas de Iniciação Científica (IC), 295 são homens e 177 são mulheres. Um dos motivos dessa inversão é a maternidade, que se torna a escolha de algumas cientistas enquanto estão chegando ao auge da profissão. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2020).

Essa diferenciação também podemos colocar para as artistas. A cultura, desde o início da pandemia, tem sido um dos setores mais afetados, tendo em vista que as trabalhadoras desta área necessitam do público, a grande maioria não consegue produzir e se encontra sem renda para a manutenção de suas famílias. Assim, faz-se necessário preservar a memória de tais mulheres, bem como suas rotinas e cuidados durante a realidade pandêmica.

A equipe do MUDI, ao acompanhar as redes sociais, foi percebendo as postagens de diferentes mulheres que passaram a compartilhar a sua rotina do dia a dia de trabalhadoras, mães e donas de casa, e entendeu que era necessário aprofundar-se no tema e dar maior visibilidade a estes relatos, que na imensidão de posts das redes desapareceriam com o tempo.

A partir dessa necessidade de salvaguardar as memórias dessas mulheres, então se propôs a diversas mulheres, atuantes do meio científico e artístico, que compartilhassem suas memórias durante esse período de isolamento. Algumas foram convidadas, mas houve uma que participou espontaneamente, quando soube da proposta. São moradoras de diferentes regiões do RS e uma do Pará, mulheres que atuam em diferentes áreas da ciência e das artes, professoras universitárias, estudantes de pós-graduação, bibliotecária, cantoras, artistas plásticas, escritoras que apresentaram de forma livre o seu depoimento.

Essas memórias constituíram as exposições '(RE)EXISTÊNCIA: OS VÁRIOS LUGARES DA MULHER NA PANDEMIA', que foi composta por dois módulos. O módulo I teve a presença de mulheres ligadas às ciências, enquanto o módulo II (Fig. 1) contou com mulheres artistas. As ilustrações da exposição foram criadas pelo Mirada Estúdio Criativo, encabeçado pelas ilustradoras Julianna Bertinetti e Luísa Anklam, colaboradoras na exposição, auxiliando na concepção criativa e identidade visual. Assim, a ideia visual das janelas, parte das inúmeras janelas criadas por essas mulheres, trazendo as diferentes realidades vividas pelas mesmas durante a pandemia, onde muitas vezes foi preciso conciliar os trabalhos domésticos junto das atividades profissionais - que por estarem ocorrendo de modo remoto, muitas vezes se sobrepondo e mesclando-se às atividades de casa.

Figura 1: Banner de divulgação do segundo módulo da exposição (Re) Existência: Os vários lugares da mulher na pandemia.



**Exposição de curta duração
(RE) EXISTÊNCIA: Os vários
lugares da Mulher na
Pandemia.**

A exposição dialoga com diferentes vozes de mulheres artistas e cientistas que contam suas histórias, rotinas e desafios durante esse período de isolamento. A escuta dessas diferentes vozes femininas busca discutir sobre a forma como a pandemia tem impactado seu dia a dia, seus planos, projetos e perspectivas.

Abertura do segundo módulo: 19. Maio.2021

Ficha técnica

Coordenação: Daniel Maurício Viana de Souza.
Curadoria: Noris Mara Pacheco Martins Leal, Maria Waleska Siga Peil Martins, Guilherme Susin Sirtoli e Carolina Fogaça Tenotti.

Concepção: Aline Tavares da Silva.

Criação de arte e design: Guilherme Susin Sirtoli e Carolina Fogaça Tenotti, Julianna Picolo Bertinetti e Luísa Mantelli Anklam.

Ilustrações: Julianna Picolo Bertinetti e Luísa Mantelli Anklam (@ilustras).

Montagem: Carolina Fogaça Tenotti, Guilherme Susin Sirtoli, Noris Mara Pacheco Martins Leal, Maria Waleska Siga Peil Martins e Tayssa Jardim de Avila.

Programação: Tayssa Jardim de Avila.



UFPEL



Fonte: Ilustrações, Mirada Estúdio Criativo. Diagramação, Carolina Tenotti. 2021.

O movimento da exposição “RE(Existência)” e de outras atividades geradas a partir da mesma é uma das formas do museu de se construir e manter relações, compartilhar e divulgar novos saberes para com seu público e visitantes. Esta forma de compartilhamento de experiências, não somente por meio da ciência ou da arte, como também acerca dos sentimentos acarretados pelo isolamento social, é associada pela população, que também pode se ver enquanto sujeito social na exposição apresentada pelo MuDI.

Por conseguinte, há uma possibilidade de visualizar-se na história do outro, como no caso das mulheres cientistas e artistas, visto que alguns dos relatos podem ser comuns às experiências vivenciadas pelo público, e que também agrega como uma das potencialidades de um museu virtual em um momento de pandemia global, cujas relações humanas passam a evidenciar novas possibilidades de discurso museológico e de conexões entre instituições e público.

Como forma de reverberar as conexões realizadas através da exposição, foi realizada uma roda de conversa com três das integrantes do primeiro módulo, com as convidadas Tatiana Lebedeff, Virgínia Alves e Rosângela Schutz (Fig. 2) no dia 17 de agosto de 2021. Com foco nas ciências durante a pandemia, o bate-papo virtual, transmitido ao vivo pelo *YouTube*, abordou os inúmeros desafios que a pandemia acabou implicando em projetos científicos, vida acadêmica e rotina diária das cientistas envolvidas.

Figura 2 - Banner de divulgação do bate-papo online com as ciências Tatiana Lebedeff, Virgínia Alves e Rosângela Schult

Bate-papo online
(RE) EXISTÊNCIA:
os vários lugares das
cientistas na pandemia.

Bate-papo com cientistas que integraram a exposição (RE) EXISTÊNCIA: os vários lugares da mulher na pandemia, realizada pelo Museu Diários do Isolamento – MuDI, sobre os desafios e impactos da pandemia nos projetos, perspectivas e atuação cotidiana de mulheres na ciência.

Data: 17 de agosto
Horário: 17h

Transmitido no
 YouTube e Facebook do MuDI



Tatiana Lebedeff
 Virginia Alves
 Rosângela Schulz



Fonte: Arte, Guilherme Sirtoli. 2021.

Sabemos que muitas vezes as informações são repassadas ao grande público de forma hermética, onde para muitos não é possível compreender os dados ali apresentados. A representação das diferentes mulheres na exposição se deu através de um mosaico de realidades e histórias de vida, onde não coube ao museu o papel de informar os números e dados no que diz respeito à realidade das mulheres durante a pandemia, mas sim o de iniciar o diálogo a partir de seus relatos e dizeres, contribuindo para uma experiência realista diante do cotidiano das participantes e que, muitas vezes, compartilharam pontos de vistas semelhantes aos dos visitantes do MuDI.

A exposição, que abriga um caráter dialógico já em suas bases curatoriais, viabiliza uma outra forma de se conectar com determinados grupos sociais, pois propõe uma ponte entre o museu e a sociedade no qual o mesmo está inserido, este último fundamental ao que tange à construção da realidade de um museu. A exposição é também uma ação de extensão porque dialoga com a comunidade a partir de sua inserção no cotidiano do público, e gera sua extroversão a partir das falas das próprias mulheres que constroem suas narrativas. Ao trazer para o centro do debate a questão atual da situação das mulheres no período de pandemia, cria-se um vínculo com o público, além da possibilidade de discussão e engajamento que extravasa o tema inicialmente proposto pela exposição, ocasionando assim novas reflexões advindas das realidades sociais deste público.

Os registros feitos por essas mulheres, além de serem utilizados na exposição, foram incorporados ao acervo do museu, onde estão sendo processados e armazenados para preservação e futuras ações ou pesquisas da instituição e da comunidade interessada. Dessa forma, o MuDI se coloca enquanto um museu que prioriza as abordagens dialógicas, colocando o diálogo enquanto um dos princípios base na construção do próprio museu virtual e também do conhecimento que se dá através dele.

A construção de conhecimento, dessa forma, ocorre de múltiplas formas e em uma via de mão dupla, ao passo que o público tem papel fundamental na construção de todas as ações realizadas pelo museu. O MuDI, enquanto instituição museológica, coloca-se no papel ativo de criar memória acerca do tempo presente, produzindo ciência em diálogo com inúmeros entes da sociedade, sejam estes professores, discentes, mas também outros cidadãos, bem como instituições diversas. A situação pandêmica é uma realidade vigente, que nos fez alterar nossos modos e práticas, mostrando a importância de darmos prioridade e nos colocarmos a par de

inúmeros relatos e realidades acerca da situação atual. Dessa forma, o museu virtual, por mediar tais relatos, acaba ampliando seu caráter humano e social, priorizando a dimensão humana, visto que as instituições não estão descoladas da sociedade e da vida.

REFERÊNCIAS

- CHELINI, M. J. E. Novas tecnologias para... novas (?) expografias. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 1, n. 2, p. 59-71, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/download/12655/11057>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê? **Instituto Paulo Freire**, v. 15, 2017.
- JAHN, Alena Rizi Marmo. **O museu que nunca fecha**: a exposição virtual digital como um programa de ação educativa. 2016. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 1999.
- MUCHACHO, Rute. **Museus virtuais**: a importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico. In: SOPCOM, 4., 2005, Lisboa; CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Livro de actas. Lisboa, 2005. p. 1540-1547.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2017.
- SOF. Sempre Viva Organização Feminista. **Relatório Pesquisa Sem Parar**: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Disponível em: <https://mulheresnapanademia.sof.org.br>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- UNESCO. **Unesco Report**: museums around the world in the face of COVID-19. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), maio 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373530>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Projeto Pedagógico Institucional (PPI) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)**: documento. Pelotas: UFPEL, 2003.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Coordenação de Comunicação Social. **Mulheres na ciência e a pandemia**. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/06/03/mulheres-na-ciencia-e-a-pandemia/?fbclid=IwAR1fLmYL5p-bQg-2mbbBJV1uSql6uy9sAcO65zJDFrwfagpkugGrmqpwBO>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Data de recebimento: 29/01/22

Data de aceite para publicação: 14/03/22